



**UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA “JULIO DE MESQUITA
FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS
EXATAS**



Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

DA PERIFERIA PARA O CENTRO: UMA ANÁLISE SOBRE A
EXPERIÊNCIA NEOLIBERAL CHILENA

PABLO BONILHA VILLARROEL

Prof(a).Dr(a). Angelita Matos Souza

Rio Claro (SP)

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

PABLO BONILHA VILLARROEL

DA PERIFERIA PARA O CENTRO: UMA ANÁLISE SOBRE A
EXPERIÊNCIA NEOLIBERAL CHILENA

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel e Licenciatura em Geografia.

Rio Claro - SP

2023

V722p

Villarroel, Pablo Bonilha

DA PERIFERIA PARA O CENTRO: UMA ANÁLISE
SOBRE A EXPERIÊNCIA NEOLIBERAL CHILENA /
Pablo Bonilha Villarroel. -- Rio Claro, 2023

31 p. : tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro

Orientadora: Angelita Matos Souza

Coorientadora: Oliver Cauã Cauê Scarcelli

1. Neoliberalismo. 2. Chile. 3. Sistema Mundo. 4.

Propriedade Privada. 5. Imperialismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

PABLO BONILHA VILLARROEL

DA PERIFERIA PARA O CENTRO: UMA ANÁLISE SOBRE A
EXPERIÊNCIA NEOLIBERAL CHILENA

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de
Geociências e Ciências Exatas - Campus de Rio
Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel e
Licenciatura em Geografia.

Comissão Examinadora

Rio Claro, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) aluno(a)

Assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho incorre em enormes dívidas de reconhecimento. Os sábios ensinamentos e instruções de alguns dos professores com quem tive o prazer de conviver durante meu curso de graduação em Geografia na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, que me inspiraram e me incentivaram a seguir a carreira acadêmica, em especial a minha orientadora, Angelita Matos Souza, que dispensou preciosos momentos para me guiar na tarefa de produzir minha monografia de conclusão de curso.

Agradeço também ao meu pai, Aldo, que sempre me encorajou a seguir e lutar pelos meus ideais e à minha mãe, Lilian, que sempre me apoiou em minhas decisões com muito carinho.

Gostaria de agradecer, ainda, a todos companheiros que fiz nesses anos de universidade e o agradecimento mais especial de todos, a minha família chilena, fonte de amor, inspiração e de força que me ajudou a começar e concluir este trabalho, este que faz parte da minha história e de milhares de chilenos que sofreram e sofrem nesse período obscuro.

DA PERIFERIA PARA O CENTRO: UMA ANÁLISE SOBRE A EXPERIÊNCIA NEOLIBERAL CHILENA

RESUMO: Na maior parte do mundo, o domínio das ideias neoliberais tem sido crescente desde a década de 1970, com ampla aceitação como alternativa àquele modo econômico binário da Guerra Fria. Neste contexto destaca-se a vasta ação imperialista norte-americana, que influencia boa parte da economia global, antes e muito mais intensamente após o Consenso de Washington. Por sua vez, o meio científico informacional aparece como uma ferramenta catalisadora das idealizações neoliberais para a sua propagação nos países periféricos, estas que permeiam não apenas o espectro econômico, mas todo um espectro sociocultural, enaltecendo a liberdade individual, a defesa da propriedade privada e a mínima intervenção do Estado. O projeto em questão tem como objetivo analisar a primeira experiência neoliberal da história, que se iniciou em 11 de setembro de 1973 no Chile, quando as forças armadas invadiram o Palácio de La Moneda em Santiago e depuseram o então presidente Salvador Allende, para colocar o general Augusto Pinochet no poder. Este golpe foi patrocinado por frações das classes dominantes chilenas, por corporações dos EUA, pela CIA, provavelmente com o apoio do presidente Nixon e de seu assessor de Segurança Nacional, depois secretário de Estado, Henry Kissinger; também obteve um grande apoio da classe média (média-alta em especial) que se sentia ameaçada pelo socialismo de Allende. Propomos analisar a experiência chilena, com o objetivo de buscar entender como a experiência, depois exportada para países centrais, foi primeiro introduzida no país sul-americano *desde fora*. Dessarte, o projeto tem como intuito examinar a experiência em questão e compreender suas consequências que perduram até os dias de hoje.

Palavras-chaves: Neoliberalismo; Chile; Propriedade Privada; Imperialismo; Globalização; Sistema Mundo.

ABSTRACT: The dominance of neoliberal ideas has been increasing since the 1970s in most parts of the world, with widespread acceptance by countries seeking an alternative to the binary economic model of the Cold War. However, other factors have come into play in the global dynamics, such as the extensive American imperialist actions, which ultimately influence a significant portion of the global economy, both before and more intensely after the Washington Consensus. In turn, the scientific-informational milieu emerges as a catalyzing tool for the dissemination of neoliberal ideals in peripheral countries, permeating not only the economic spectrum but also the entire sociocultural spectrum, exalting individual freedom, defense of private property, and minimal state intervention. The objective of this project is to analyze the first neoliberal experience in history, which began on September 11, 1973, in Chile when the armed forces invaded the La Moneda Palace in Santiago and overthrew the then President Salvador Allende, placing General Augusto Pinochet in power. This coup was sponsored by factions of the Chilean ruling classes, U.S. corporations, the CIA, and Henry Kissinger, who was the Secretary of State of the United States at the time. It also received significant support from the middle class (especially the upper-middle class),

who felt threatened by Allende's supposed communism. We propose to analyze the Chilean experience in order to understand how the experience, later exported to central countries, was simultaneously introduced into the South American country from external sources. Thus, the project aims to examine the aforementioned experience and comprehend its enduring consequences up to the present day.

Keywords: Neoliberalism; Chile; Private Property; Imperialism; Globalization; World System.

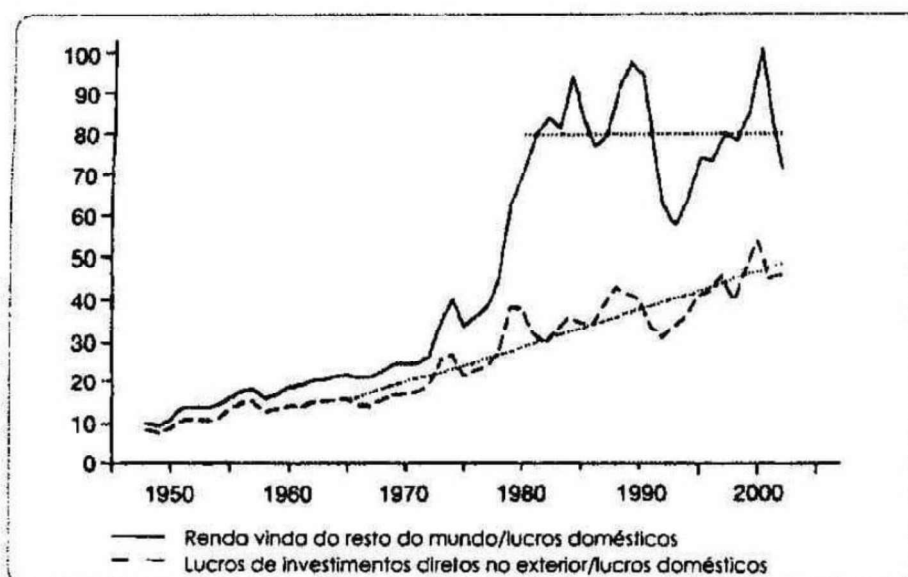
SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	7
2.METODOLOGIA.....	10
3.SISTEMA CENTRO-PERIFERIA.....	11
4.CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO DO CHILE.....	12
4. NEOLIBERALISMO E POLÍTICAS ECONÔMICAS.....	16
6. IMPACTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DO PROCESSO DE NEOLIBERALIZAÇÃO.....	20
7. PERÍODO DA REDEMOCRATIZAÇÃO DO CHILE.....	23
8. A REVOLUÇÃO SOCIAL DE 2019.....	27
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	30

1.INTRODUÇÃO

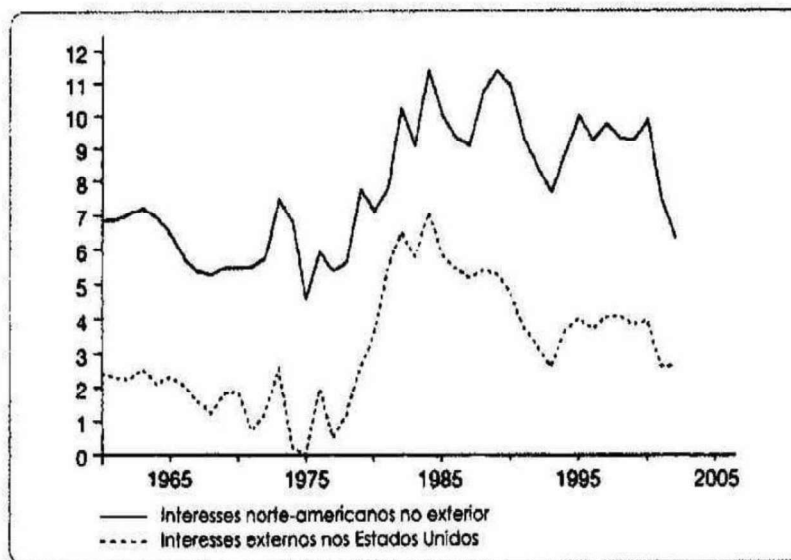
Inúmeras crises e recessões afetaram a economia global na segunda metade do século XX, esses eventos fizeram com que houvesse uma enorme preocupação em elaborar uma nova ideia econômica para o mundo moderno que estava a emergir, com o cenário polarizado entre EUA e União Soviética inicia-se um conflito econômico, político e ideológico que se expressa na corrida espacial, corrida armamentista e nas interferências em países estrangeiros (figuras 1 e 2), estas que tem um grande impacto nos países terceiro mundistas ao redor do globo.

Figura 1. A EXTRAÇÃO DE VALOR NO EXTERIOR: TAXAS DE RETORNO DE INVESTIMENTOS DOMÉSTICOS E EXTERNOS NOS ESTADOS UNIDOS, 1960-2002



Fonte: Duménil, Lévy. Neoliberal Dynamics. Towards a New Phase?

Figura 2. O FLUXO DE TRIBUTOS PARA OS ESTADOS UNIDOS: LUCROS E RENDA DE CAPITAL VINDOS DO RESTO DO MUNDO EM RELAÇÃO AOS LUCROS DOMÉSTICOS



Fonte: Duménil, Lévy. Neoliberal Dynamics. Towards a New Phase?

Neste contexto, emerge o Neoliberalismo, uma teoria político-econômica que sugere que o bem-estar da sociedade pode ser melhorado quando não se limita as liberdades individuais e capacidades empreendedoras dos indivíduos. A ideia é a de que com o mercado livre há uma autorregulação do mesmo, e o papel do Estado, nessa concepção, seria o de garantir a qualidade e a integridade do dinheiro, também o de assegurar a segurança da propriedade privada e o funcionamento dos mercados.

A primeira experiência neoliberal foi a chilena, é correto denominá-la de experiência pois, muito menos por vontade popular, entende-se que foi um experimento, como uma cobaia, para examinar seu funcionamento para as classes dominantes chilenas e também para os EUA, que tinha enorme interesse na exploração dos recursos naturais e que aproveitava os impostos mais baratos e acessíveis da América Latina aspirando uma maior lucratividade e da mesma forma uma realocação das classes em seus respectivos lugares. Nas palavras de Joseph Stiglitz (presidente do Conselho de Assessores Econômicos no governo de Clinton), sobre a ascensão do neoliberalismo:

“conseguimos apertar o cinto dos pobres enquanto folgávamos o dos ricos” (apud HARVEY, 2003, p. 61).

Essa teoria polêmica tem origem em 1947, com um grupo pequeno de historiadores, economistas e filósofos, denominados como Mont Pelerin Society, que reuniu nomes como Friederich von Hayek, Ludwig von Mises, Milton Friedman e Karl Popper. O pretexto para formulação de tal teoria era o da defesa dos valores da civilização que estavam em perigo, tais como as condições essenciais para a dignidade e da liberdade humana, como consta na declaração de fundação da sociedade:

Os valores centrais da civilização se acham em perigo [...] Mesmo o mais precioso bem do Homem Ocidental, a liberdade de pensamento e de reflexão, encontra-se ameaçado pela disseminação de credos que, reivindicando o privilégio da tolerância quando em posição minoritária, buscam apenas galgar uma posição de poder a partir da qual possam suprimir e obliterar todas as concepções que não a sua (HARVEY, 2003, p. 29)

A ideia de liberdade é cativante, principalmente em um período histórico que fomentava e necessitava dela, como no pós-guerra, porém este pensamento pode acabar por se tornar algo ruim, para Karl Polanyi: “Numa sociedade complexa, o significado da liberdade se torna tão contraditório e tão frágil quanto são estimulantes suas injunções a agir.” (apud HARVEY, 2003, p. 45). Este enaltecimento da liberdade, do livre empreendimento e da propriedade privada entra na psicosfera da sociedade que adota esta teoria e acaba por guinar para uma liberdade ruim, conforme a recuperação de Polanyi por Harvey (2003), quando expõe um exemplo da licença de explorar o semelhante ou mesmo a liberdade que o capitalismo usufrui de impossibilitar que os avanços na tecnologia sejam utilizados para o benefício público e ainda serve de camuflagem das mazelas do neoliberalismo, que introduz certos tipos de trabalho não livre ao atacar o planejamento e o controle estatal das relações sociais, entendidos como não liberdades. Pior, quando não consegue se manter democraticamente, as forças que defendem o neoliberalismo se tornam autoritárias, pautadas na força, na violência e repressão aos opositores.

Nosso ponto de partida é a teoria do desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo (Harvey, 2013; Smith, 1988), a fim de indicar como este introduz hierarquias entre os Estados nacionais que se traduzem em ingerências políticas dos países centrais sobre os países periféricos. E, com o objetivo de compreender a fase atual

do capitalismo e o que é o neoliberalismo como movimento, pretendemos recorrer a dois autores: Prebisch (2000); Harvey (2003). A partir da análise destes autores, estudaremos a experiência chilena, indicando desdobramentos até os dias atuais, com foco nos mecanismos políticos que sustentaram e sustentam as práticas imperialistas dos países centrais sobre os periféricos, subjacentes à experiência neoliberal chilena. Entre esses destacamos de formas mais sutis de interferência, como a formação de economistas e/ou intelectuais nas universidades dos EUA, como o apoio pela força desta potência aos golpes militares que ocorreram na região sul-americana nos anos 1960 e 1970.

2.METODOLOGIA

A elaboração do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é resultado de uma pesquisa bibliográfica e de uma abordagem multidisciplinar, abarcando a análise de uma ampla variedade de fontes de pesquisa. Essas fontes incluem livros, artigos acadêmicos, filmes e documentários cuidadosamente selecionados com o propósito de alcançar uma compreensão completa e aprofundada do tópico em questão. Essa abordagem permitiu uma análise crítica, fundamentada na perspectiva materialista-histórica e holística.

Os livros e artigos desempenharam um papel crucial na construção de uma sólida base teórica, fornecendo os conceitos-chave necessários para a compreensão dos campos relacionados ao tema da neoliberalização no Chile. Em particular, os seguintes livros foram essenciais para a análise das políticas econômicas adotadas no Chile:

- *Neoliberalismo: História e Implicações*, de David Harvey (2005).
- *A Revolução Chilena*, de Peter Winn (2009).

Essas obras foram recomendadas pela orientadora devido à sua relevância e contribuição para o estudo. Além disso, materiais audiovisuais desempenharam um papel significativo ao proporcionar uma perspectiva única sobre o período em análise. O documentário *A Batalha do Chile*, dirigido por Patricio Guzmán (1975), em particular, enriqueceu nossa compreensão ao explorar aspectos teóricos, culturais e sociais relacionados ao contexto da época.

Essa variedade de fontes, incluindo literatura acadêmica e materiais audiovisuais, enriqueceu a presente pesquisa, permitindo uma leitura mais profunda e abrangente das complexidades envolvidas na temática da neoliberalização no Chile.

Essa abordagem multidisciplinar proporcionou uma perspectiva mais completa e informada, essencial para a compreensão integral do assunto em estudo.

3.Sistema Centro-Periferia

A compreensão da relação centro-periferia é de importância central para a análise da dinâmica que será apresentada neste trabalho de conclusão de curso. Ela se revela essencial, pois lança luz sobre o funcionamento da atual divisão internacional do trabalho em escala global, com foco nos países do "centro" - aqueles que alcançaram altos níveis de desenvolvimento econômico e tecnológico - e os países "periféricos", que ocupam uma posição subordinada.

Essa relação centro-periferia se torna um elemento crítico na medida em que esclarece como a produção de alimentos e matérias-primas, bem como a fabricação de produtos de baixo valor agregado, se tornaram características predominantes nos países periféricos. Essa dinâmica, por sua vez, perpetua uma competição desigual e injusta no cenário global.

Portanto, compreender a relação centro-periferia nos possibilita analisar em profundidade as complexas interações econômicas, políticas e sociais que moldam as relações internacionais contemporâneas. Ela também oferece insights sobre como as disparidades de poder, riqueza e acesso a recursos naturais continuam a influenciar o desenvolvimento e as oportunidades das nações.

Neste contexto, a experiência neoliberal que inicialmente surgiu em um país periférico, o Chile, volta seu olhar em direção aos Estados Unidos, uma vez que é o próprio governo dos Estados Unidos que irá promover a implantação desse modelo. É por essa razão que o título deste trabalho é "Da Periferia para o Centro: Uma Análise da Experiência Neoliberal Chilena".

O título "Da Periferia para o Centro" simboliza a trajetória da teoria neoliberal, que começou em um país periférico como o Chile, mas ganhou destaque global quando os Estados Unidos, um país central e influente, adotou e promoveu esse modelo econômico. A análise desta transição e de seus impactos é o cerne do trabalho, destacando como uma ideia que se originou na periferia se tornou central no cenário econômico e político internacional.

Os Estados Unidos são hoje o principal centro cíclico do mundo, como o foi no passado a Grã-Bretanha. Sua influência econômica nos outros países é

evidente. E nessa influência, o enorme desenvolvimento da produtividade daquele país desempenhou um papel importantíssimo. Afetou intensamente o comércio exterior e, através de suas variações, o ritmo de crescimento econômico do resto do mundo, bem como a distribuição internacional do ouro. Os países da América Latina, com um alto coeficiente de comércio exterior, são extremamente sensíveis a essas repercussões econômicas. E justificável, portanto, examinarmos as projeções desse fenômeno e os problemas que elas trazem consigo. (PREBISCH, 2000, p.88)

4.Contexto Histórico e Político do Chile

Este capítulo tem o propósito de elucidar o momento anterior ao golpe de Pinochet, como forma de compreender a ebulição social e econômica que o país passou. Para o entendimento da aplicação do Neoliberalismo no Chile faz se necessário compreender o processo histórico que antecedeu o golpe militar de 1973, contexto no qual as forças imperialistas americanas se mobilizam desde o início para a derrocada do então presidente Salvador Allende. No ambiente internacional, esse momento coincidiu com o período da guerra fria, marcado pela tensão entre o Ocidente e o Oriente, bastante acentuado, com gastos armamentistas elevados, ao mesmo tempo que havia um planejamento estratégico entre os dois polos, visando a expansão de suas práticas político-ideológicas.

Neste contexto, uma das ferramentas utilizadas foi o grupo de economistas conhecidos como “Chicago Boys” que seguiam as teorias de Milton Friedman, desde os anos 1950 os EUA financiavam a formação de economistas e outros profissionais latino-americanos em universidades dos EUA, como Universidade de Chicago, como parte de um programa para afastar a ideologia soviética/socialista. O Chile na década de 60 era dependente dos EUA, tendo empresas e bancos norte-americanos entre seus principais credores, quase 40% das importações vinham dos EUA, assim como 90% dos equipamentos para a extração de cobre.

Assim, em 1964, o candidato Eduardo Frei de centro-direita sai triunfante nas eleições, financiado pelos EUA, tendo como promessa de campanha combater a inflação e avançar com a reforma agrária, o que não conseguiu desenvolver e isso gerou descontentamento de boa parte da população trabalhadora, em demonstração dessa insatisfação seu governo foi marcado por inúmeras greves, ocupações de fábricas e fazendas.

Autodenominado socialista e revolucionário, Salvador Guillermo Allende foi eleito democraticamente, em uma eleição acirrada, que ficou conhecida como via

chilena, fato esse que chamou atenção dos Estados Unidos, tendo em vista o interesse nas minas chilenas de cobre, principal atividade econômica no país, também em uma ameaça do país ter optado por outro modelo político que não se alinhava ao interesse norte-americano. Dois dias antes do socialista assumir a presidência ocorre um atentado contra o general René Schneider, comandante chefe das Forças Armadas, assassinato atribuído a um grupo financiado pela CIA (Agência Central de Inteligência), talvez a primeira interferência direta do governo estadunidense, o que seria um sinal do que estaria por vir nos próximos anos.

O governo de Allende buscava atender as demandas das camadas populares, tendo em vista que o presidente anterior falhou nas questões econômicas e posteriormente nas sociais, coisa que fortaleceu a Unidad Popular (UP), uma aliança da esquerda chilena. Destarte, a proposta da UP era a transformação socialista do país a partir da própria estrutura democrática burguesa, através de uma nacionalização das principais empresas que exerciam o monopólio, criando uma base socializada na economia, ou seja, uma mudança para o socialismo primeiramente pela via da mudança econômica, na sequência para a sociedade e para o Estado. A preocupação era utilizar de grandes empresas para reinvestir o capital no desenvolvimento do país, inclusive as empresas Anaconda Copper Company e Kennecott Copper Corporation, empresas de mineração de cobre que eram estadunidenses, havia também os objetivos de avançar na reforma agrária, na nacionalização dos bancos e controle estatal do comércio exterior, e na garantia de uma autodeterminação/soberania chilena. A intenção era buscar acordos diplomáticos com países variados, porém buscando soberania nacional, acordos forma tratados com Cuba, Coréia do Norte, China, Albânia e uma relação amistosa com a União Soviética, preocupando cada vez mais a Casa Branca.

Com a tentativa de desestabilizar e desacreditar o então presidente Allende, o governo norte-americano alinhado com o grande empresariado, a camada superior da burguesia estatal e a cúpula das forças armadas começam a se mobilizar para uma derrocada via medidas econômicas, essa seria a primeira investida, não tentariam um golpe imediato pois tinham receio de como a notícia se espalharia mundo afora, podendo assim, aumentar o sentimento anti-imperialista de outros países e fomentar rebeliões. Hoje, com cerca de 11 mil documentos sobre o período militar chileno revelados pelo Departamento de Estado, pelo Pentágono e pela própria CIA, pode-se afirmar que das

tentativas de derrubar Allende, estavam entre elas: boicote econômico, reduzindo substancialmente o investimento estrangeiro no Chile, dificultando a capacidade do governante atrair o capital; pressão de instituições financeiras internacionais, tais quais o Banco Mundial e o FMI (Fundo Monetário Internacional), impedindo a busca por empréstimos, dessarte obstando verbas para o financiamento de políticas públicas; apoio financeiro a greves e a oposição empresarial que buscavam fomentar uma insatisfação popular e também isolamento diplomático em conjunto a outros países que eram do bloco ocidental, isto alegando que as indenizações às empresas de cobre não eram suficientes.

Estes ficam evidentes quando analisamos a tabela abaixo, os dados testemunham a queda dos créditos após a eleição de Allende, de 35 milhões de dólares em 1969 para 1,5 milhões em 1971 (Tabela I), o BEI (Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos) assim como o BM (Banco Mundial), zeram seus créditos a Chile em 1971. O Banco Interamericano para o Desenvolvimento (BID), que também sofre grande influência norte-americana (controlam 40% dos votos), afunilam seus investimentos no país, de 46 milhões de dólares em 1970 para 2 milhões em 1972.

TABELA I – Ajuda externa ao Chile proveniente de agências do governo estadunidense e de instituições internacionais (em milhões de dólares).

Ano Fiscal	1953-61	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Total de ajuda econômica dos EUA	339,7	169,8	85,3	127,1	130,4	111,9	260,4	97,1	8,8	29,6	8,6	7,4	3,8	9,8
Food for Peace (EUA)	94,2	6,6	22,0	26,9	14,2	14,4	7,9	23,0	15,0	7,2	6,3	5,9	2,5	3,2
BEI	169,0	0,8	16,2	15,3	8,2	0,1	234,6	14,2	28,7	3,3	0	1,6	3,1	98,1 (1)
Total de ajuda militar (EUA)	41,8	17,8	30,6	9,0	9,9	10,1	4,1	7,8	11,8	0,8	5,7	12,3	15,0	15,9
Total proveniente de organizações internacionais (2)	135,4	18,7	31,2	41,4	12,4	72,0	93,8	19,4	49,0	76,4	15,4	8,2	9,4	111,2
BM	95,2	0	0	22,6	4,4	2,7	60,0	0	11,6	19,3	0	0	0	13,5
BID	5,7	15,1	24,4	16,6	4,9	62,2	31,0	16,5	31,9	45,6	12,0	2,1	5,2	97,3

(1) Inclui Exp-Imp: 57,0 e outros: 41,1.

(2) Contribuições dos Estados Unidos a OIs incluídas; a ajuda financeira estadunidense e internacional não devem ser somadas.

Fonte: Senate Select Committee to Study Governmental Operations with Respect to Intelligence Activities, Covert Action in Chile 1963-1973. 122

A democracia liberal de Washington nunca prezou pelas liberdades ou autodeterminação dos povos, na verdade, interessa aos EUA, quando convém, levar sua “democracia” ao encontro do capitalismo de mercado, assim, governos dos EUA costumam intervir quando há uma ameaça à ordem vigente. No caso chileno, ter um presidente declarado socialista em seu próprio “quintal” representava a possibilidade de perder um mercado consumidor, um local fonte de matéria prima, além de uma possível área para outra crise dos mísseis, memória que ainda estava fresca na cabeça dos estadunidenses, nas próprias palavras de Nixon para Kissinger: “Se [Allende] puder demonstrar que pode estabelecer uma política marxista antiamericana, outros farão o mesmo”. (MONTES, 2020)

Até dado momento, houve avanços significativos nas reformas econômicas e sociais no Chile, como as nacionalizações de empresas, a reforma agrária, investimentos em saúde, como as SNS (Sistema Nacional de Saúde), primeiro programa das Américas a garantir acesso universal a serviços de saúde, criação de creches populares e também acesso ao leite no combate à desnutrição, como o próprio Allende cita no 1º aniversário do governo da UP, houve investimentos em educação, como a campanha “Yo sí puedo” (Eu posso sim) que visava erradicar o analfabetismo, além de promulgar leis para um ensino público universal gratuito e a expansão de universidades e faculdades técnicas. As políticas também atingiram os povos originários com a lei indígena, com escolas voltadas à educação mapuche (povo indígena), devolução de terras invadidas, demarcação de novas terras e participação política, envolvimento de líderes mapuches em questões relacionadas à terra e à cultura.

No entanto, os anos seguintes à eleição de Allende foram caóticos, a crise econômica que o país enfrentava não permitia a continuidade das políticas públicas, um processo de aumento da especulação, desabastecimento, fuga de capitais e a queda no preço do cobre fez com que houvesse uma justificativa perfeita para os golpistas, a ideia de que Allende não conseguia governar e a de que o Socialismo é impraticável. Em agosto de 1972 a oposição inicia um plano de desestabilização em todo país, com uma generalização de desobediência civil, instaurando o descontrole social, enquanto isso a UP respondia aos ataques em uma forma defensiva, o golpe já estava tomando corpo. Em 1973, há eleições e a oposição tenta maioria no congresso, em uma tentativa de destituí-lo como presidente através do impedimento, tentando suas últimas cartas,

porém mesmo tendo uma grande parte no congresso não foi possível efetuar o impeachment. Cada dia que passava havia mais assassinatos e depredação do patrimônio público, atentados eram algo comum, assim como a bomba na Central Unica dos Trabalhadores (CUT) ou o “Tanquetazo”, que foi uma tentativa de golpe fracassada no dia 29 de junho de 1973, então com o ambiente de desordem instaurado foi o momento perfeito para “arrumar” o país.

Allende convocou um plebiscito no dia 11 de setembro, no qual a população deveria decidir a continuidade de seu governo, caso perdesse, passaria seu mandato para a autoridade mais alta depois dele, o democrata Eduardo Frei, que era presidente do Senado. O maior engano do presidente socialista foi ter confiado e contado o plano para seu comandante-chefe do exército, Augusto José Ramón Pinochet, que acelerou os arranjos para o golpe.

Na manhã do dia 11 de setembro, o Palácio de La Moneda amanheceu cercado pelo exército chileno, exigindo a renúncia de Allende, que, através de uma rádio no palácio, proferiu “Não vou renunciar! Colocado numa encruzilhada histórica, pagarei com a minha vida a lealdade ao povo” e assim o fez.

5. Neoliberalismo e Políticas Econômicas

O neoliberalismo começa a germinar em 1947 na Suíça, com um grupo de historiadores, filósofos e principalmente economistas, em uma tentativa de repensar maneiras de reorientar a ordem social capitalista em sentido pró-mercado, também como forma de solucionar problemas enfrentados pelo sistema. Intitulado Mont Pelerin Society, o pequeno grupo tinha nomes famosos como Ludwig Von Mises, Karl Popper, Friedrich Von Hayek e Milton Friedman, sendo este último importante figura para o cenário do que viria a ser Chicago (onde o neoliberalismo se consolida). Este seletor grupo dispunha de um projeto político-econômico pautado em valores ocidentais e morais, de acordo com a declaração de fundação da sociedade:

Os valores centrais da civilização se acham em perigo. Em grandes extensões da superfície da terra, as condições essenciais da dignidade e da liberdade humanas já desapareceram. Noutras, acham-se sob a constante ameaça do desenvolvimento das atuais tendências políticas, a posição do indivíduo e o grupo autônomo se acham progressivamente solapados por avanços do poder arbitrário. Mesmo o mais precioso bem do Homem Ocidental, a liberdade de pensamento e de reflexão, encontra-se ameaçado pela disseminação de credos que, reivindicando o privilégio da tolerância quando em posição

minoritária, buscam apenas galgar uma posição de poder a partir da qual possam suprimir e obliterar todas as concepções que não a sua. O grupo sustenta que esses desenvolvimentos vêm sendo promovidos pela ascensão de uma concepção de história que nega todos os padrões morais absolutos e de teorias que questionam o caráter desejável do regime de direito. Ele sustenta ainda que esses desenvolvimentos vêm sendo promovidos por um declínio da crença na propriedade privada e no mercado competitivo; porque, sem o poder e a iniciativa difusos associados a essas instituições, torna-se difícil imaginar uma sociedade em que se possa efetivamente preservar a liberdade. (HARVEY, 2008, p. 28)

Fica evidente que após a Segunda Guerra Mundial, os pensadores liberais iniciaram uma ofensiva contra as ideias revolucionárias da União Soviética, o grupo se sentia ameaçado com a crescente disseminação e expansão que o bloco socialista estava obtendo. Embora o conceito absorva influências do liberalismo clássico, há algumas distinções, com o neoliberalismo há um avanço do âmbito teórico para o prático, buscando práticas da materialidade histórica a fim de reduzir a participação do Estado, ou melhor, aparelhar o mesmo para sua melhor funcionalidade, sejam eles a utilização da força repressiva para a ampliação do mercado, busca de matéria-prima ou também a garantia dos direitos de propriedade individual e do funcionamento pleno dos mercados.

Com Pinochet no poder, foi questão de tempo para a implementação do neoliberalismo consolidar-se, com o auxílio dos Chicago Boys e das negociações de empréstimos com o FMI (Fundo Monetário Internacional), no objetivo de conter a hiperinflação. Alinhado com a retórica neoliberal de que o socialismo é inviável, conseguiram retroceder as nacionalizações antes feitas por Allende e privatizar os ativos públicos, somados a uma exploração privada, que outrora era regulada, desregulada de recursos naturais (água, extração de madeira, pesca etc.), reprimindo qualquer tipo de manifestação contrária à essas medidas, principalmente no que tange a população indígena e aos sindicatos. Com a liberalização do mercado, empresas estrangeiras voltam a ter o lucro garantido nas operações chilenas, favorecendo os interesses do capital, apenas o setor do cobre foi reservado ao Estado por ser um recurso-chave, gerador de receita, o que veio ser fundamental para a viabilidade econômica, tendo em vista que, as receitas do cobre iam estritamente para os cofres públicos.

Vale ressaltar que a inserção do modelo neoliberal foi totalmente brutal, draconiana, do ponto de vista de rompimento com as antigas políticas sociais e econômicas, partindo para uma repressão sem precedentes, além das privatizações

houve o fechamento do Parlamento, partidos postos na ilegalidade, assassinatos e aprisionamentos de “suspeitos”, incluindo do cantor popular Victor Jara, que foi torturado e assassinado no Estádio Nacional.

O Estado neoliberal na teoria é bem atrativo, a própria ideia de liberdade individual é sedutora, porém há nuances que devem ser analisados, a alegação de um Estado mínimo é contraditória, pois a própria prática necessita do monopólio estatal da violência para garantir a todo custo essas liberdades (de propriedade privada, de ação, dos contratos etc.). O pressuposto de que a iniciativa dos empreendedores é chave para a inovação e à criação de riqueza, que estimulam a inovação tecnológica e por conseguinte há um “efeito multiplicador”, também há de ser contestada como será tratado no Capítulo 4 deste trabalho, contudo, todas essas retóricas são capazes de ganhar o consentimento da população. Esse modelo transcende a questão econômica, por se tratar de uma liberdade individual, o fracasso, também é, individual, destarte surge outro conceito, a meritocracia, cada indivíduo é responsável por suas próprias ações e seu próprio bem-estar, essa categoria é posta no âmbito social, da educação, saúde e da previdência, portanto o sucesso e o fracasso são submetidos a virtudes empreendedoras pessoais, negando totalmente a realidade material da marginalização de classes.

Os teóricos neoliberais têm ressalvas no que tange à democracia, pois pode ser uma ameaça em potencial aos direitos individuais e às liberdades constitucionais relacionadas à garantia da propriedade privada, isto fica claro na antecipação do golpe a Allende também explana uma das contradições dessa teoria. A suposta inocência, que advém dessa prática econômica, é a de que todos os agentes que operam no mercado têm acesso às mesmas oportunidades e informações, também que não exista assimetrias de poder que influenciam os indivíduos na tomada de decisões. No que diz respeito a algumas liberdades individuais, o indivíduo não deve escolher ou optar por instituições coletivas, ou optar por um Estado mais intervencionista como foi o Chile em 1970, mas na verdade, como cita Harvey (2008, p.80), “os neoliberais têm de impor fortes limites à governança democrática, apoiando-se em vez disso em instituições não democráticas e que não prestam contas a ninguém (como o FMI) para tomar as decisões essenciais”.

Sendo assim, o Estado neoliberal reprime certas liberdades que não atendem aos interesses econômicos dominantes, alguns mecanismos utilizados por este são em

primeiro estágio: a competição e globalização, utilizada para disciplinar as forças contrárias ao programa neoliberal (levando em consideração as sanções ao Chile), a persuasão e a propaganda, ou se preciso, a força bruta (vide o golpe de 1973 e a implementação da ditadura chilena).

Um dos argumentos em defesa da implementação do neoliberalismo no Chile é o de que a economia resultou em um saldo positivo, um suposto milagre econômico, e de fato ao analisar o PIB (produto interno bruto) pode-se notar um crescimento após os 12 primeiros meses do golpe militar, ajudando a controlar a inflação em mais de 200%, a repressão à greve dos sindicatos, a desvalorização cambial, o aumento do preço do cobre, foi fundamental para esse avanço no setor econômico, outro fator que auxiliou para o aumento do PIB foi o aumento das exportações, apresentados no Quadro 1.

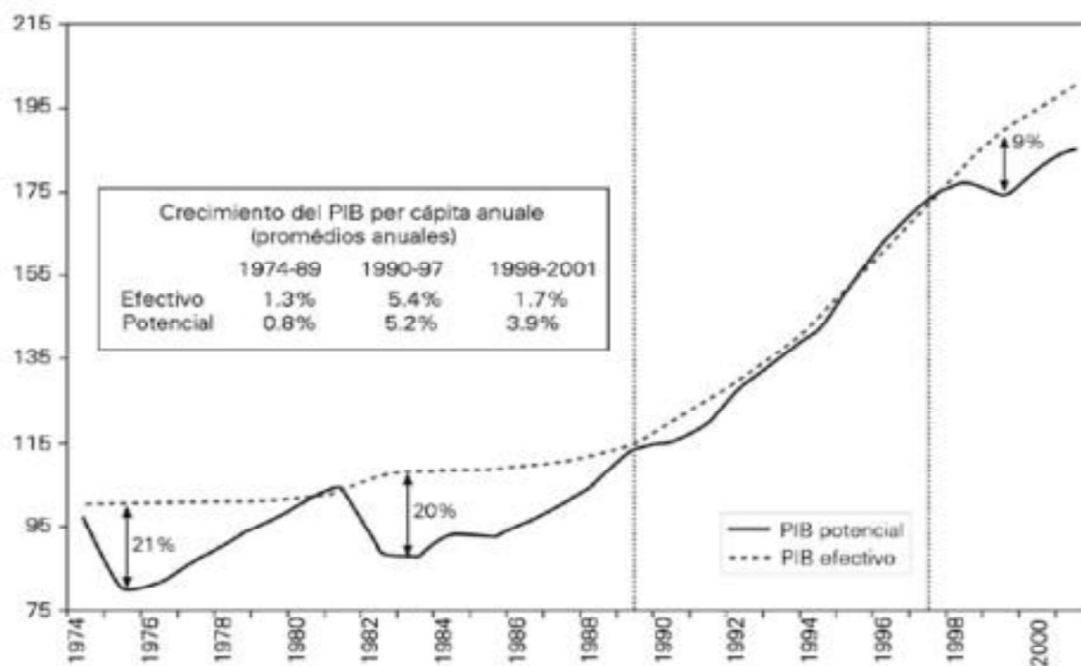
A média de crescimento simplória de 2,9% ao ano entre 1973-1989 é motivo de exaltação pelos teóricos neoliberais, além de ser um avanço pequeno, este mesmo deixou problemas econômico-sociais para grande parte da população.

Quadro 1: Composição e evolução das exportações, 1960-2000

	Porcentaje del PIB	Crecimiento porcentual	Composición	
			Cobre	No cobre
1960-70	12,0	3,6	69,5	30,5
1971-73	10,0	-4,2	74,4	25,6
1974-81	20,7	13,6	53,8	46,2
1982-89	28,3	7,8	45,8	54,2
1990-2000	37,2	9,3	39,2	60,8
1960-2000	23,5	7,3	54,1	45,9

Fonte: Banco Central do Chile. Participação das exportações de bens e serviços no PIB e crescimento anual, de acordo com contas internacionais em pesos constantes de 1986. A composição se calculou em base das exportações de bens, em dólares correntes.

PIB por habitante, efectivo y potencial, 1974-2001 (PIB per capita de 1974 = 100)



Fonte: Cálculos baseados em Ffrench-Davis (2001, capítulo 1)

6. Impactos Econômicos e Sociais do Processo de Neoliberalização

Das principais transformações geográficas ocorridas na ditadura de Pinochet, várias delas foram fundamentais para um aumento e concentração de capital nunca antes visto, pode-se pontuar: a privatização dos recursos naturais através do Código de Águas de 1981 que instituiu a separação dos direitos ao uso da água do uso da terra no país, permitindo a compra e venda como qualquer outra mercadoria, havendo também uma

superexploração de rios e lagos, causando um impacto enorme no meio ambiente e no encarecimento da água para a população. Outro ponto importante foi a acelerada urbanização que o país teve, com o foco na capital Santiago, realizando um movimento interno de migração para os centros urbanos, o que se pode verificar é o país passando por um processo de gentrificação, outro fator que favoreceu esse deslocamento foi a reversão da política agrária de Allende, aumentando a concentração de terras. A retirada de direitos trabalhistas teve um grande papel no desmonte dos sindicatos, Pinochet criou novas maneiras de contratação das empresas, com os contratos temporários, os empregadores não precisam mais pagar rescisões quando funcionários eram demitidos, nem proteções contra lesões no local de trabalho.

Outra reforma estrutural notável, como apontado por Oliveira (2019), diz respeito à área da previdência social, que adotou o sistema de capitalização individual. Nesse modelo, cada afiliado assume a responsabilidade pelo financiamento de sua própria pensão. As empresas encarregadas de gerir esses fundos são privatizadas e conhecidas como AFPs (Administradoras de Fondos de Pensiones). É importante destacar que a maioria dessas AFPs são de origem estrangeira e investem o capital arrecadado no mercado financeiro. Portanto, o valor da aposentadoria de cada indivíduo está diretamente ligado ao rendimento de sua conta.

Embora o Estado tenha um papel reduzido nas abordagens neoliberais, ele desempenha um papel crucial no funcionamento desse sistema, atuando como uma espécie de segurador. Durante a transição para um sistema de previdência privatizada, o processo foi oneroso para o país. Além disso, por meio da Superintendência de Pensões, o Estado assumiu a responsabilidade de fiscalizar todo o processo e de compensar eventuais falências das administradoras de fundos de pensão. Todas essas medidas foram implementadas com o objetivo de garantir lucros substanciais para as grandes empresas, enquanto o Estado acabou arcando com todas as perdas e prejuízos.

Essa reforma na previdência social ilustra claramente a dinâmica da adoção das políticas neoliberais no Chile, nas quais o setor privado ganha destaque, enquanto o Estado assume a função de garantir a estabilidade do sistema, muitas vezes às custas dos contribuintes e dos cidadãos em geral. Essa transformação na previdência social teve

um impacto significativo na vida dos chilenos e gerou debates e controvérsias consideráveis no país.

Quanto à saúde pública do país, que tinha avançado consideravelmente na questão de mortalidade infantil, era de 99,5 por mil nascidos vivos em 1953, tinha diminuído para 78,7 em 1969 (Valdivieso & Juricic, 1970) e para 65,8 em 1973 (Délano & Traslaviña, 1989), uma redução de 16,4% só na gestão da Unidade Popular e com um aumento considerável da população, que no período de 20 anos passou de 6 a 10 milhões de habitantes. Com a transição para o livre comércio, houve criação de Instituições de Saúde Previdenciária, ou ISAPRE, de natureza privada e com fins lucrativos, procurando substituir o SNS (*Sistema Nacional de Salud*), sistema público de saúde do país que Allende almejava substituir pelo SUS (*Sistema Universal de Saúde*).

O ISAPRE prestava serviços médicos mediante a venda de planos de saúde, para impulsionar essa nova instituição foram criadas medidas financiadoras, aumento na contribuição destinada à saúde de 2% a 7% em 1986 e restituição ao Ministério da Saúde, a obrigatoriedade de pagar subsídio pré e pós-natal, possibilitando assim à Instituição aumentar seu mercado, devido ao ingresso de mulheres em seu período fértil. Vale ressaltar que o investimento da ISAPRE em infraestrutura é mínimo, além dos contratos, que apresentam problemáticas na seletividade da prestação de seguros, não aceitam doentes crônicos e terminais, excluem gestantes nos prazos de carência, discriminam idosos, não prestam cuidados de medicina preventiva entre outros. É de extrema importância a compreensão do funcionamento deste sistema que drena a arrecadação do setor público, ao mesmo passo que, seleciona quem é mais rentável para si, eliminando uma parte da população que terá de voltar para a saúde popular, resultando em mais gastos para a esfera pública.

O setor privado na educação antes da ditadura militar era mínimo, com as reformas neoliberais, passa a ter uma influência maior nesta área, a ideia, assim como analisada na questão da saúde, baseava-se em sistemas de crédito e financiamento para os estudos, com taxas de juros elevadas. As escolas e liceus que outrora eram públicos são entregues a organizações privadas na forma de concessões. Com a Lei Geral de Educação Universitária o país acaba com a educação superior gratuita, sendo o primeiro a cobrar mensalidades nas instituições públicas de ensino superior subvencionado pelo

Estado, gerando o mesmo processo de seleção e agravando a questão desigual. O voucher, sistema tão comentado, faz parte dessa lógica, com ele o Estado direciona recursos para as escolas de propriedade privada. Outro desmantelamento na área educacional foi a descentralização via municipalização, a problemática maior dessa decisão é a desigualdade de recursos de município para município, logo as comunas chilenas mais pobres sofrem ainda mais com o processo de precarização.

7. Período da Redemocratização do Chile

O processo de redemocratização no Chile foi uma jornada complexa e gradual, marcada por diversos obstáculos que desafiaram sua plena concretização. Esses desafios se originaram de várias fontes, incluindo a persistente influência política de Pinochet incorporada à Constituição, um produto do pacto entre o regime militar e os setores civis opositoristas, bem como o impacto econômico e social deixado para trás pelo regime ditatorial.

Comparando-se às experiências de transição à democracia dos demais países latino-americanos do chamado Cone Sul, podemos notar que o Chile apresentava, no início da década de 1990, uma tríplice particularidade: em primeiro lugar, não herdava uma crise econômica do período anterior, uma vez que a mudança fundamental de modelo econômico e seus respectivos custos haviam sido realizadas sob o regime militar; em segundo lugar, tratava-se do único caso em que a maioria do bloco de oposição à ditadura se conforma como uma coalizão de partidos de governo ao iniciar-se a fase democrática; e, em terceiro lugar, as duas vantagens anteriores encontrariam-se contraditadas pela profundidade e extensão dos enclaves autoritários, o que estabelece o seguinte paradoxo: no Chile se dá uma das transições mais incompletas convivendo simultaneamente com um novo regime bastante consolidado. Nesse sentido, a transição à democracia no Chile talvez seja o maior exemplo de um processo político que quanto mais avança mais se distancia de seu impulso originário e substantivo. Em outros termos, quanto mais avança a transição mais se vê cancelado o processo de democratização, entendido como aprofundamento e expansão da participação, ao mesmo tempo em que se cristaliza a impossibilidade de qualquer reforma na estrutura de representação política da cidadania. Em suma, a transição democrática no Chile expressaria fortemente o paradoxo de ser um processo de paralisia da democracia enquanto movimento e renovação da vida político-institucional. (AGGIO, 2000, p. 80-81)

O presidente que assume logo após o fim da Era Pinochet é Patricio Aylwin, que tenta rispidamente inverter e reconstruir o país, tendo como foco para os campos políticos (reconstrução das instituições democráticas) e de estabilidade econômica, visando a recuperação do investimento público para serviços de saúde e uma intensificação para a descentralização do poder instituído na época ditatorial, novidades

no que tange a saúde foram apresentadas, como a criação do mecanismo de pagamento per capita para pessoas inscritas nos centros de atenção primária, porém nenhuma reforma significativa, porém nenhuma reforma expressivo, de acordo com Oliveira (2020, p. 4) “Apesar da compreensão de que uma reforma na saúde era necessária, durante os dois primeiros governos da Concertación as prioridades voltaram-se para outros campos, como a estabilidade econômica e política.

Em 1995, o governo consecutivo de Eduardo Frei, como destacado por Borel (2017), seguiu a mesma linha de seu antecessor, promovendo uma burocratização do aparato público. Frei implementou o "Plano Estratégico de Modernização da Gestão Pública", que visava criar um ambiente propício ao desenvolvimento das carreiras públicas, bem como aumentos salariais baseados em produtividade e políticas de progressão como incentivo. Com isso, Frei procurou modernizar a gestão pública estabelecida por Aylwin, em vez de realizar uma reforma substancial no Estado.

Essa abordagem enfatiza a continuidade na administração pública chilena, com um foco na otimização dos processos e no desenvolvimento das carreiras dos funcionários públicos, em vez de uma reestruturação profunda do aparato estatal. Isso reflete a ênfase na estabilidade e no aprimoramento da eficiência, em vez de mudanças estruturais radicais.

Em 2000, Ricardo Lagos assume a presidência do Chile como um líder político de orientação centro-esquerda. Ele enfrenta a complexa tarefa de conciliar a política de livre mercado que o Chile adotou com algumas reformas sociais destinadas a mitigar a desigualdade no país. Lagos, ciente dos desafios que o aguardavam, buscou um equilíbrio delicado entre a manutenção da estabilidade econômica e o compromisso de promover reformas sociais que beneficiassem a população. Sua administração se esforçou para implementar políticas que aumentassem o acesso à educação e à saúde, bem como para reduzir a lacuna entre os estratos sociais, visando criar uma sociedade mais justa e igualitária no Chile.

Dessa forma, o governo de Ricardo Lagos foi marcado pela tentativa de harmonizar as políticas de mercado com um compromisso social mais amplo, refletindo o desejo de abordar as desigualdades que persistem no país.

Após o mandato de Ricardo Lagos, a presidência do Chile foi assumida por Michelle Bachelet, uma líder socialista e a primeira mulher a ser eleita para o cargo no país. Seu governo tinha como um de seus principais objetivos a melhoria da democracia chilena, buscando introduzir inovações significativas. Conforme apontado por Fukushima (2018), até aquele momento, as reformas implementadas pelos governos concertacionistas haviam sido alcançadas principalmente por meio do consenso com as forças de direita. Essas reformas, em muitos casos, atendiam aos interesses das elites econômicas e seguiam uma linha mais conservadora.

Um exemplo disso foi a tentativa de ampliar a participação popular, que incluía propostas como o projeto de lei antidiscriminação e a lei de cotas para aumentar a representação feminina na política. Embora tenha havido avanços notáveis no que diz respeito à igualdade de gênero, o governo de Bachelet também adotou uma abordagem mais tecnocrática em questões econômicas. Isso ocorreu, em parte, devido a acordos e compromissos estabelecidos com setores da direita.

O governo de Michelle Bachelet foi um momento de transformação e avanços sociais importantes no Chile, com ênfase na promoção da igualdade e da inclusão, mas também marcado por uma baixa capacidade de condução das políticas públicas. A busca por reformas democráticas e a representatividade das mulheres na política demonstram o desejo de fortalecer a democracia no país, ao mesmo tempo em que se buscava equilibrar as questões econômicas, determinando mais um “governo de continuidades”.

Embora a composição no Congresso em 2006 tenha demonstrado um cenário favorável ao governo de Bachelet, o legado institucional deixado ainda pelo regime ditatorial e não superado por seus pares nos governos anteriores constituiu os limites à sua administração. (FUKUSHIMA, 2018, p.27)

Sebastian Piñera foi eleito em 2010, em um contexto caracterizado por uma crise na identificação dos eleitores com os partidos políticos tradicionais. Isso ficou evidente na baixa participação nas eleições, com uma taxa de comparecimento de apenas 39%, a segunda mais baixa desde o processo de redemocratização do Chile (AVENDAÑO; PAVEZ, 2013). Piñera, um empresário amplamente conhecido no Chile, trazia uma perspectiva voltada para o mercado em seu governo.

Uma das principais facetas dessa perspectiva pró-mercado foi a proposição de reformas tributárias com o objetivo de reduzir as taxas de imposto sobre as empresas. A

intenção era incentivar o investimento no país, particularmente no setor empresarial, a fim de estimular o crescimento econômico. Além disso, Piñera promoveu incentivos para investimentos privados em setores estratégicos, como mineração, infraestrutura e energia. Essas políticas visavam tornar o Chile mais atraente para investidores e estimular o desenvolvimento econômico.

O segundo mandato de Michelle Bachelet no Chile foi marcado por avanços significativos em diversas áreas-chave. Um dos pilares mais notáveis desse período foi a implementação do programa de "gratuidade" na educação superior, que se destacou como um modelo emblemático. Esse sistema proporcionou ensino superior gratuito para famílias de baixa renda, tornando a educação de nível universitário acessível a um amplo segmento da população. Além disso, foram realizadas melhorias substanciais na infraestrutura escolar, visando proporcionar um ambiente de aprendizado mais adequado e eficaz para os estudantes.

Na esfera da saúde, o governo de Bachelet concentrou seus esforços na redução dos custos de medicamentos, tornando os tratamentos médicos mais acessíveis à população em geral. Adicionalmente, reformas abrangentes foram implementadas no sistema de saúde, com o objetivo de democratizar o acesso aos serviços de saúde, assegurando que a assistência médica estivesse ao alcance de todos, independentemente de sua situação financeira.

Um dos marcos mais notáveis desse período foi o início do processo de criação de uma nova Constituição para o Chile, que substituiria a Constituição de 1980, que havia sido promulgada durante o regime militar de Pinochet. Essa iniciativa refletiu a vontade do governo de reformar as bases políticas e legais do país para torná-las mais representativas e responsivas às necessidades da sociedade chilena.

No entanto, vale mencionar que o contexto econômico apresentou desafios, uma vez que o Chile enfrentou uma queda nos preços do cobre, um de seus principais produtos de exportação. Isso resultou em um crescimento econômico relativamente modesto, com o país registrando um aumento de 1,6% em seu Produto Interno Bruto no ano de 2016. Essa situação econômica desafiadora contribuiu para a oposição argumentar que as políticas do governo poderiam ser insustentáveis ou insuficientes

para impulsionar o crescimento econômico, o que acabou por gerar uma grande margem desaprovação o segundo mandato de Bachelet.

O segundo mandato de Sebastián Piñera ficou marcado por uma preocupação evidente em relação a reformas em vários setores, com destaque para a área previdenciária. Foi amplamente reconhecido que as pensões no Chile eram inadequadamente baixas em comparação com o custo de vida dos cidadãos durante sua vida produtiva. Para enfrentar esse desafio, foi proposto o aumento da alíquota obrigatória de contribuição previdenciária de 10% para 14%.

No entanto, essa medida, como mencionado anteriormente, foi vista por muitos como insuficiente para resolver o problema fundamental do sistema previdenciário chileno, que se baseia em um modelo de capitalização individual. Esse modelo, segundo críticos, não está alinhado com a realidade econômica do Chile, que é marcada por profundas desigualdades. Portanto, a preocupação persistia de que apenas o aumento das contribuições não endereçaria as questões subjacentes de desigualdade e inadequação do sistema previdenciário.

Outro aspecto notório do governo de Sebastián Piñera foi a maneira como lidou com as manifestações de 2019, um tópico que merece uma análise mais detalhada no próximo capítulo.

8. A Revolução Social de 2019

A Revolução Chilena, também conhecida como o "Estallido Social," representou o ponto culminante da insatisfação profundamente enraizada entre a população chilena, que há muito tempo enfrentava desafios significativos em termos socioeconômicos e políticos. Esse movimento, que teve início como um protesto estudantil simbólico contra o aumento das tarifas de metrô através da prática de "pular a catraca" rapidamente se transformou em algo de proporções históricas. No seu nascedouro, a ação de "pular catraca" era uma resposta direta ao aumento dos preços do transporte público, uma questão que ilustrava as dificuldades enfrentadas pela população em relação ao acesso a serviços básicos. No entanto, o que inicialmente poderia parecer um protesto limitado por uma questão econômica rapidamente revelou raízes muito mais profundas. As

crescentes desigualdades socioeconômicas e a sensação de marginalização que afetavam grande parte da sociedade chilena tornaram-se elementos centrais do movimento.

O "Estallido Social" transcendia a insatisfação com as tarifas do metrô. Ele ecoava uma demanda coletiva por justiça social, igualdade e uma transformação mais ampla nas políticas públicas. As ruas de Santiago e outras cidades do Chile foram palco de protestos massivos, a resposta do governo a essas manifestações se expressou impondo toques de recolher e usando força, como o lançamento de gás lacrimogêneo e balas de borracha, como táticas para controlar a agitação. Além disso, houve denúncias de detenções arbitrárias e relatos de violência sexual, o que trouxe à mente as lembranças do período militar na história chilena, marcado por repressão e violações dos direitos humanos.

O que se desdobrou não foi apenas uma série de protestos, mas sim uma “revolução social” que exigia mudanças substanciais em várias áreas da sociedade chilena. Essa revolta abalou os alicerces do país, levando o governo a tomar medidas significativas em resposta às demandas dos manifestantes.

A Revolução Chilena, que começou como um movimento de "pular catraca", transcende a esfera das tarifas de transporte público para se tornar uma expressão poderosa da busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Esse período marcante da história do Chile ressalta a importância de ouvir as vozes da população e abordar questões profundamente enraizadas de desigualdade e exclusão.

9. Considerações finais

Ao examinar com minúcia os atuais dados sociais e econômicos, juntamente com as evidências documentadas das atividades da CIA no Chile, torna-se evidente o acentuado interesse dos Estados Unidos nos ricos recursos naturais do país. Além disso, é notável o desejo de garantir que uma nação sul-americana esteja em consonância com os princípios da ideologia ocidental. No entanto, muitas vezes, esse alinhamento extrapolou os limites da autodeterminação legítima de um povo em moldar seu próprio destino. Essa análise também destaca vividamente a profunda insatisfação da população chilena em relação ao legado deixado pela ditadura militar. A história revela uma nação que ainda batalha para superar as cicatrizes do passado, incluindo desafios de

desigualdade, abusos aos direitos humanos e um sistema político que frequentemente prioriza os interesses estrangeiros em detrimento das necessidades do povo chileno.

Além disso, essa investigação expõe a falsidade subjacente à crença de que os Estados Unidos têm um destino manifesto de expandir a democracia em todo o mundo. Essa ideia, profundamente enraizada na cultura norte-americana, frequentemente foi usada para justificar intervenções estrangeiras que nem sempre estavam alinhadas com genuínos princípios democráticos. A compreensão da dinâmica centro-periferia, ou, mais especificamente, periferia-centro, é essencial para contextualizar a dinâmica que foi brutalmente imposta. O Chile se tornou um laboratório para testar a teoria política e econômica neoliberal, com profundas e, por vezes, dolorosas repercussões para sua população.

Em resumo, a análise desses elementos ressalta a complexidade das relações internacionais e as nuances das dinâmicas de poder que influenciaram a história do Chile. Também enfatiza a necessidade de questionar as narrativas que justificam intervenções externas em nome da democracia, especialmente quando essas intervenções podem minar a autodeterminação e o bem-estar das nações envolvidas. Ao aplicar a lente do sistema centro-periferia de Raul Prebisch a essa análise, torna-se ainda mais evidente como as nações periféricas, como o Chile, muitas vezes são vítimas de relações econômicas desiguais e de poder assimétrico.

A teoria de Prebisch destaca a exploração de recursos naturais e a produção de bens de baixo valor agregado como características comuns dos países periféricos, enquanto os países centrais se beneficiam de uma posição econômica mais dominante. No caso do Chile, a imposição do modelo neoliberal é um exemplo da perpetuação dessas desigualdades econômicas e de poder. Isso destaca como a influência dos Estados Unidos, um país central na economia global, pode moldar drasticamente o destino de nações periféricas, como o Chile.

A compreensão do sistema centro-periferia de Prebisch, juntamente com a análise da intervenção norte-americana no Chile, lança luz sobre a dinâmica complexa que moldou a história do país e destaca a importância de considerar a justiça e a equidade nas relações internacionais, em vez de se basear apenas na retórica do destino manifesto ou em interesses econômicos unilaterais.

REFERÊNCIAS

- AGGIO, Alberto. O Chile de Lagos: O Desafio de um Novo Curso Democrático. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 9, n. 5, p. 77-88, 2000.
- AVENDAÑO PAVEZ, Octavio Alejandro. Las reformas políticas en el gobierno de Sebastián Piñera: Chile, 2010-2013. **Rev. mex. cienc. polít. soc**, Ciudad de México, v. 58, n. 218, p. 167-191, agosto 2013. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-19182013000200009&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 11 jul. 2023.
- BOREL, M. Reformas constitucionais e aprofundamento democrático no Chile: De Pinochet à Bachelet. *Agenda Política*, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 108–138, 2017. DOI: 10.31990/10.31990/agenda.ano.volume.numero. Disponível em: <https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/147>. Acesso em: 9 out. 2023.
- DELANO, M. ; TRASLAVIÑA, H. La Herencia de los Chicago Boys. Santiago, Ornitorrinco, 1989.
- FFRENCH-DAVIS, R. (1979), “Exportaciones e industrialización en un modelo ortodoxo: Chile, 1973-78”, *Revista de la CEPAL* N° 9, diciembre.
- FFRENCH-DAVIS, M. R. AGOSIN, y A. UTHOFF (1997), “Movimentos de Capitais, Estratégia Exportadora e Estabilidade Macroeconômica no Chile”, en R. Ffrench-Davis y S. Griffith-Jones, orgs. *Os Fluxos Financeiros na America Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FUKUSHIMA, K. A. Correlação de forças e recursos políticos no governo de Bachelet (2006-2010) e os impasses às possíveis inovações democráticas no Chile. *Revista Debates*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 11–36, 2018. DOI: 10.22456/1982-5269.79964. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/79964>. Acesso em: 13 out. 2023.
- GUZMÁN, Patricio. “ A Batalha do Chile”.1973. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pgBh5SiIEg4&t=4s>. Acesso em set. de 2023
- MONTES, Rocío. Richard Nixon: “Se houver uma forma de desbancar Allende, é melhor fazer isso.” **Ediciones EL PAÍS S.L.**, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-11-11/richard-nixon-se-houver-uma-forma-de-desbancar-allende-e-melhor-fazer-isso.html>>. Acesso em: 10 Oct. 2023.
- OLIVEIRA, S. C. DE . et al.. Políticas de saúde no Chile (2000-2018): trajetória e condicionantes. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 11, p. e00002120, 2020.
- OLIVEIRA, S. C. DE .; MACHADO, C. V.; HEIN, A. A.. Reformas da Previdência Social no Chile: lições para o Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 5, p. e00045219, 2019

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais (1962). In: BIELSCHOWSKY, R. (Org.). Cinquenta anos de pensamento na Cepal. Rio de Janeiro: Record; Cofecon; CEPAL, 2000. p.70-136. v.1.

SMITH, N. Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço. Tradução: Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

WINN, Peter. **A revolução Chilena**. [s.l.]: UNESP, 2009.

WINN, P. Victims of the Chilean miracle. Workers and neoliberalism in the Pinochet Era. Durham: Duke University Press; 2004

VALDIVIESO, Ramón & JURICIC, Bogoslav. El sistema nacional de salud en Chile. Boletín de la OPS 68(6):478-84. 1970